

B

N.º 6812

R.º 6033

1-14-63-11.1-n.2

EPIGRAPHIA CAMONEANA

OU

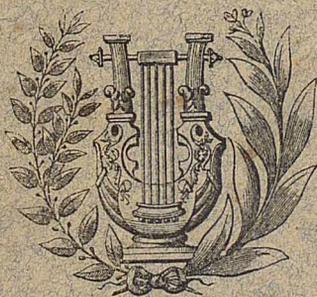
COLLEÇÃO DE EPIGRAPHES

DE

CAMÕES

SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

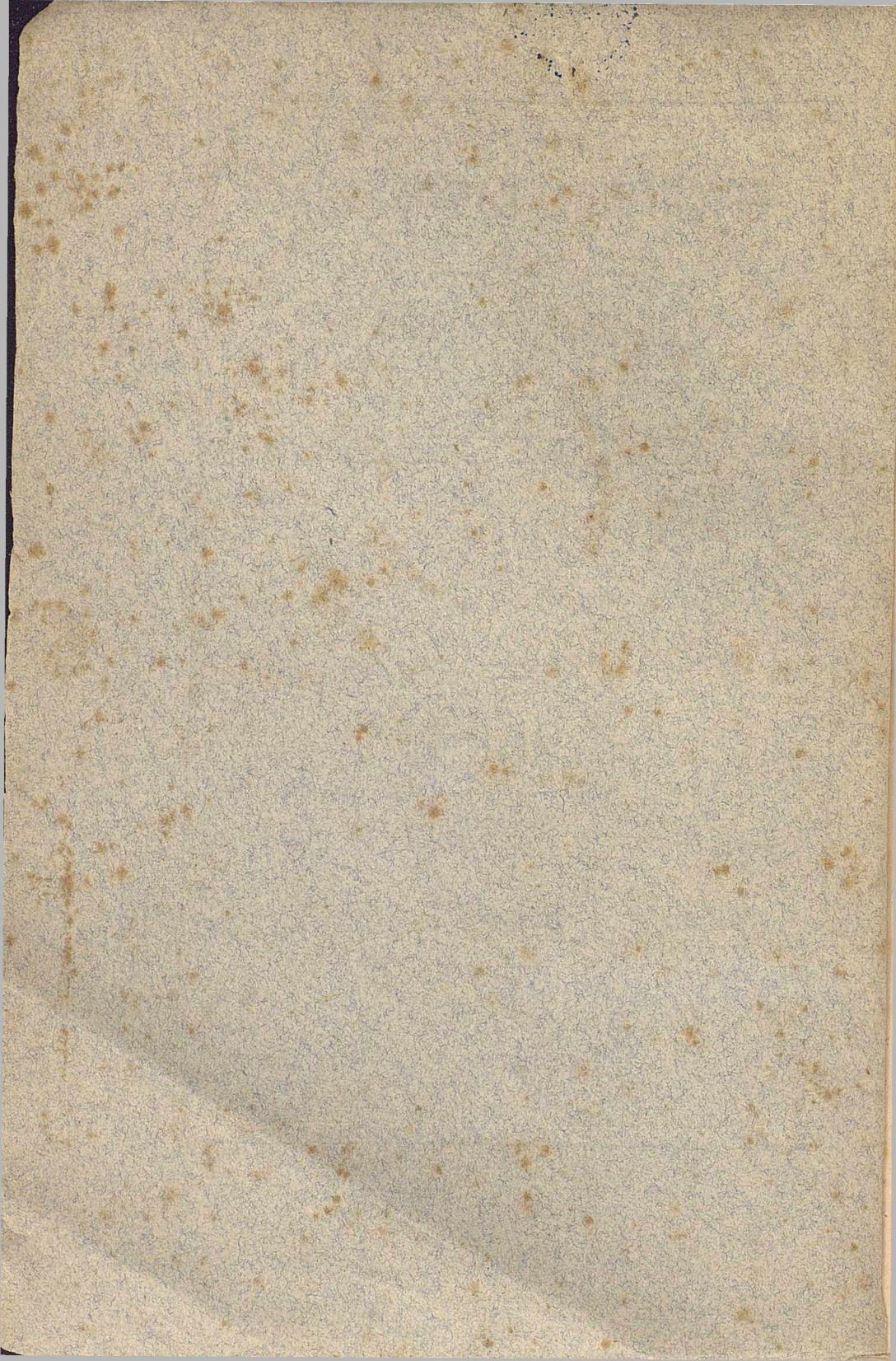
Pauca, sed bona.

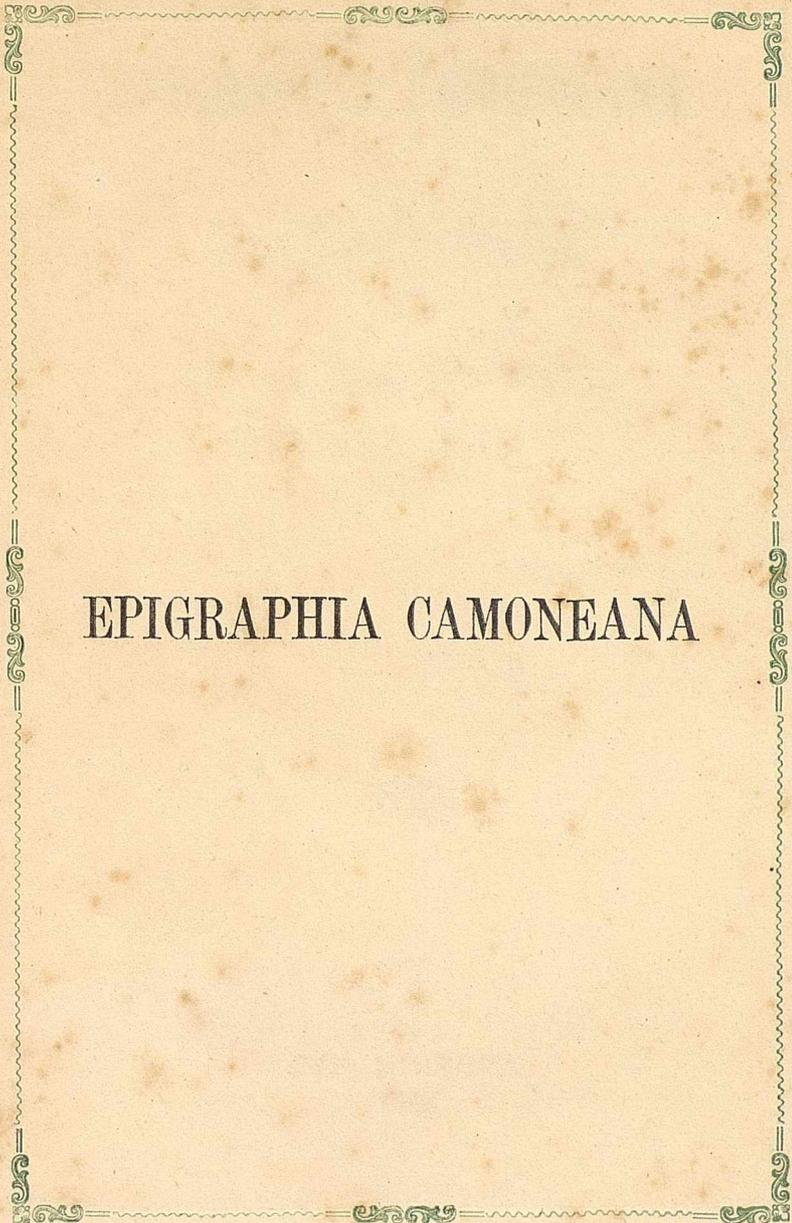


EVORA

TYP. MINERVA

1882





EPIGRAPHIA CAMONEANA



B
6872

EPIGRAPHIA CAMONEANA

OU

COLLEÇÃO DE EPIGRAPHES

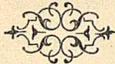
DE

CAMÕES

SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

Pauca, sed bona.

No: 6. 033



EVORA
TYP. MINERVA
1882



AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

VISCONDE DA ESPERANÇA

(JOSÉ BERNARDO DE BARAHONA FRAGOSO)

É de ha muito costume e obrigação minha o collocar á frente de meos modestos trabalhos litterarios o nome de um amigo.

Com isto desejo eu que meo filho conheça depois da minha terrena passagem, que grangeei por meo porte na vida a sincera affeição de contemporaneos illustres pelo nascimento e pela instrucção, como V.^a Ex.^a o é, e que possa, com o exemplo legado, não só seguir o mesmo terreno, se não avantajar-se-me no caminhar, como deve e pode, pela instrucção que lhe proporciono, e que em mim fallece.

Assim, aqui lhe deixo a elle mais um exemplo, e a V.^a Ex.^a uma debil prova de que sei lembrar, e de que poderei servir, como de mim affirmo:

*Que quanto mais vos pago mais vos devo,
no dizer do grande epico.*

A. F. Barata.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1891

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1891

Antes da leitura

Grato dever será sempre de engenhos portuguezes o escrever de **CAMÕES**.

Ao publicar estas epigraphes, fructo da leitura de suas obras, na edição do Porto de 1873, é mister confessar mais uma vez a vastidão de conhecimentos do filho de Simão Vaz de Camões, do homem que, na vida errante que viveo desde o occidente da Europa até ás terras da aurora, erguêra com a penna á gloria de Portugal o mais perduravel monumento, que o amor da patria lhe tem levantado nos escriptos de Barros, e de Couto, e de tantos.

A experiencia do mundo entre vicissitudes acendràrã-lhe o saber no infortunio, para cantar a ditosa patria amada, quando ella, attingindo o fastigio de gloria, qual mais brilhante o não tiveram Grecia e Roma, resvallava pendor abaixo da decadencia, que a enervava: doente e gastado de trabalhos soltára do peito o ultimo alento de vida ao chegar-lhe a nova fatal do desastre do

moço rei, sem duvida valente, nos plainos arenosos d'Africa, e amortalhava-se, grande como um semideos, com a forte espada e com a penna immortal 'numa dobra dos crepes, que enlutariam por seis decadas os brios portuguezes.

Assombra, em verdade, o numero dos assumptos magistralmente tratados de sua penna!

Poucos são os selectados 'neste livrinho, podendo aliás elevar-se e muito o numero delles, cousa que se poderá fazer um dia, em proveito de todos os que se dão ao estudo.

Cremos ser este um trabalho ainda não emprehendido, circumstancia que o absolverá de reparos no juizo dos entendidos, como não menos suppomos fazer algum serviço ás letras, embora deficiente e acanhado, como vae.

Evora, Março de 1882.

A. F. B.

Adulação

Vê que esses que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação

LUSIADAS, *Canto IX, Estancia 27.*

Alegria

Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente visinha em terra estranha.

L., *C. VII, E. 27.*

Ambição

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em secco lenho!

L., *C. IV, E. 102.*

Ameaças

..... disse,

 À mão na espada irado e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

L., C. IV, E. 14.

Amor

Aquelle não sei que,
 Que aspira não sei como,
 Que invisível saindo a vista o vê.

ODE VI.

Amor é um fogo que arde sem se ver ;
 É ferida que dóe e não se sente ;
 É um contentamento descontente ;
 É dor que desatina sem doer ;
 É um não querer mais que bem querer ;
 É solitário andar por entre a gente ;
 É um não contentar-se de contente ;
 É cuidar que se ganha em se perder ;
 É um estar-se preso por vontade ;

SONETOS.

Um não sei quê, que nasce não sei onde ;
 Vem não sei como, e doê não sei por que.

SON.

Quem diz que amor é falso ou enganoso,
 Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
 Sem falta lhe terá bem merecido
 Que lhe seja cruel, ou rigoroso.
 Amor é brando, é docil e é piedoso.

SON.

Amor nunca vi
 Que muito durasse,
 Que não magoasse.

REDONDILHAS.

Amor divino

Amor, divino amor, Amor suave,
 Amor que amando vou.....

OUTAVAS.

Amor filial

Tanta veneração aos paes se deve!

L., C. III, E. 33.

Amor patrio

Vereis amor da patria não movido
 De premio vil; mas alto e quasi eterno;
 Que não é premio vil ser conhecido
 Por um pregão do ninho meo paterno.

L., C. I. E. 10.

Ás musas agradeça.....
 O muito amor da patria que as obriga
 A dar aos seos na lyra nome e fama.

L., C. v, E. 99.

Ditosa patria que tal filho teve !

L. C. VIII, E. 32.

Amparo

Por Mecenas a vós saudo e tenho.

SON.

Animação

Aqui, minha Calliope, te invoco
 'Neste trabalho extremo; porque em pago
 Me tornes, do que escrevô, e em vão pretendo,
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

L., C. x, E. 8.

Antiguidade

Que em tanta antiguidade não ha certeza.

L., C. III, E. 29.

Armas e letras

'Numa mão sempre a espada 'noutra a penna.

L., C. VII, E. 79.

E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas 'numa mão a penna 'noutra a lança.

L., C. v, E. 96.

Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

L., C. v, E. 96.

Audacia

Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

L., C. I, E. 3.

Bastardos

Sempre foram bastardos valorosos
Por letras ou por armas ou por tudo.

L., *Estancias omitidas*, C. IV, E. 3.

Bonança

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade
Esperança de porto e salvamento.

L., C. IV, E. 1.

Calamidade

Ouçam todos o mal, que toca a todos.

L., C. VI, E. 15.

Canto

Melodia sonora, e concertada
Suave a letra, angelica a soada.

L., C. IX, E. 30.

Causas

De não se ver nas causas segurança
Creio se esquadrinhal-o bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoucesse.

E. Omit., C. VI, E. 95.

Ciumes

Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!

L., C. VII, E. 41.

Confiança

Senhor, quem mais confia
Mais azinha a cair vem.

FILODEMO.

No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vae mostrando
A navegação certa e assim caminha
Jámais seguro do que dantes vinha.

L., C., VI, E. 5.

Não fujas, não, de mim!

SON.

Constancia

Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no que emprehendi.

ODE XII.

—
Á constancia se deve toda a gloria.

SON.

—
Rompe toda a pedra dura
Faz os homens immortaes
O trabalho quando atura.

RED., pg. 62.

Coragem

Que eu só, resistirei ao jugo alheio.

L., C. IV, E. 18.

Dadivas

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular
Para mais se engrandecer
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.

RED., pg. 75.

Desalento

Neste tórmento meo tão duro e esquivo
A gostos morto estou, a penas vivo.

SON.

Descrença

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos!

.....
Dão credito a palavras que são ventos;
Não haja em apparencia confianças;
Entendei que o viver é de emprestado;
Que o de que vive o mundo são mudanças.

SON.

Descuido

..... que nunca louvarei
O capitão que diga: Não cuidei.

L., C. VIII, E. 89.

Desespero

Arde, morre, blasphema e desatina.

L., C. VI, E. 6.

Desillusão

Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto de um penedo outro penedo.

L., C. V, E. 56.

Despreso da poesia

Tão rudos e de engenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

L., C. v, E. 98.

Destino

Que se eu nasci obrigado ao meo destino,
Que mais me vale ser santo, que malino?

L., E. Omit., C. vi, E. 97.

Deus

É Deus; mas o que é Deus ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende!

L., C. x. E. 80.

Dificuldade

Materia é de cothurno e não de sócco.

L., C. x, E. 8.

Dinheiro

Este, rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos:
Este, aos mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este, corrompe verginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este, deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando e as consciencias.

L., C. viii, E. 98.

Este, interpreta mais que subtilmente
Os textos: este, faz e desfaz leis.

L., C. VIII, E. 99.

Direito

Da feia tyrannia e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

L., C. IX, E. 28.

Disciplina militar

A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando;
Se não vendo, tratando ou pelejando.

L., C. X, E. 153

Dor

Menos se sente a dor quando se sente.

Son.

Engano

..... que é bem ollhado
Que quem quer enganar fique enganado.

L., E. Omit., C. II, E. 81.

Esperança

..... a esperança
 Se anima alguma vez a um triste amante
 Ao perto vivifica, ao longe mata.

SON.

Experiencia

Melhor é exprimental-o, que julgal-o,
 Mas julgue-o quem não pode exprimental-o.

L., *C. ix, E. 83.*

—
 Respondo só que a longa experiencia
 Enleia muitas vezes a sciencia.

L., *E. Omit. C. vi, E. 101.*

—
 Que postoque em scientes muito cabe
 Mais em particular o esperto sabe.

L., *C. x, E. 152.*

..... pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

L., *C. x, E. 149.*

Fazanhas

Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

L., C. VIII, E. 35.

Fama

Oh gloria de mandar! oh vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!

L., C. IV, E. 95.

Falso amor

«..... Amor destas anda com o dinheiro
como a maré com a lua: bolsa cheia, amor em agoas
vivas...»

FILOD.

Fé

Põe os olhos da fé pura e sincera
Nas altas cimas do Calvario monte.

ELEGIA XXI.

Felicidade

Quem viveo sempre 'num ser,
Ainda que seja em pobreza,
Não vio o bem da riqueza
Nem o mal de empobrecer:
Não ganhou para perder;
Mas ganhou com vida egual
Não ter bem, nem sentir mal.

RED., pg. 124.

Fidalguia

Não nego que ha comtudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza, que lhes fica.

L., C. VIII, E. 42.

Fidelidade

Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal comprida.

L., C. III, E. 37.

Firmeza

Celebrada serás sempre em meu canto.

SON.

Fortuna

Na patria, onde propheta ninguem é.

L., C. XII, E. 119.

Fraqueza

Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

L., C. I. E. 68.

Gratidão

Porque é tamanha bem aventura
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago mais vos devo.

SON.

Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.

L., C. II, E. 105.

Heroismo portuguez

..... temo
Que do mar e do céo, em poucos annos,
Venham deoses a ser.....

L., C. VI, E. 29.

Honras

Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer.

L., C. IX, E. 93.

Hypocrisia

O falso deos adora o verdadeiro.

L., C. II, E. 12.

Ignorancia

Porque quem não sabe a arte não a estima.

L., C. V, E. 97.

Immortalidade

E lá vos tem logar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

L., C. I, E 17.

E outros em quem poder não teve a morte.

L., C. I, E. 14.

Impossibilidade

A nada disto o bruto se movia.

L., C. v, E. 28.

Incapacidade

Pouco vem a fazer quem perde o siso.

SON.

Inconstancia

'Nesta vida cega
Nada permanece;
O que ainda não chega,
Já desaparece.
Qualquer esperança
Foge como o vento.

RED. pg, 127.

Que assi vae alterando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.

L., C. IV. E. 51.

Infortunio

Quem nasce sem ventura, ou quem acerta
De fazer fundamento em peito alheio
De mil contas que faz nenhuma acerta.

ECLOGAS, pg. 125.

Ingratidão da patria

Trabalhos nunca usados me inventaram,
.....
Que assim sabem presar com taes favores
A quem os fez cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas na memoria
Que merecem ter eterna gloria!

L., C, VII, E. 81 e 82.

Interesse

Se mais que obrigação, que mando, e rogo,
No peito vil o premio pode e val.

L., C. VIII, E. 94.

Juizo de Deos

Occultos os juizos de Deos são!

L., C, X, E. 38.

Justiça

..... me entristece
 Ver sem razão a pena que me alcança.
 Que a pena que com causa se padece
 A causa tira o sentimento d'ella.

ELEG., pag. 21.

Lingua portugueza

E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que é latina.

L., C. I, E. 33.

Lisonja

Nenhum ambicioso, que quizesse
 Subir a grandes cargos, cantarei.

L., C. VII, E. 84.

Louvor

Quão doce é o louvor, e a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados!

L., C. v, E. 92.

Madrugada

Iam-se as sombras lentas desfazendo
 Sobre as flores da terra em frio orvalho.

L., C. II, E. 92.

Malicia

Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

L., C. II, E. 9.

Manhã

Veio a manhã no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

L., C. IV, E. 75.

—
A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava.

L., C. III, E. 45.

Medo

Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mim e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

L., C. V, E. 40.

Menosprezo

..... segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

L., C. VI, E. 33.

Mentira

Negam o rei e a patria; e se convem
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

L., C. IV, E. 13.

—
Muitas vezes diz a bocca
O que nega o coração.

RED. pa. 58.

Miscellanea

.....que aqui vereis presente
Cousas que juntas se acham raramente.

L., C. x, E. 154.

Modestia

Mas louvar os meos proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja.

L., C. III, E. 4.

Morte

Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

L., C. III, E. 134.

—
Porque, emfim, tudo passa.

ODE IX.

A todos é commum esta partida,
 Quem morre não morreo, partio primeiro
 E o que ha depois da morte é eterna vida.

ELEG., 51.

Oh quanto melhor é o supremo dia
 Da mansa morte, que do nascimento!
 Oh quanto melhor é um só momento,
 Que livra de annos tantos d'agonia!

SON.

Mysterio

Vejam agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes da natura.

L., C. v, E. 22.

Novo rei

Torne-vos vossas forças o rei novo
 Se é certo que co'o rei se muda o povo.

L., C. iv, E. 17.

Occasião

Porque sempre por via irá direita
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

L.. C. i, E. 76.

Ousadia

Favorece fortuna a ousadia.

SON.

Patria

Que toda a terra é patria para o forte.

L., C. VIII, E. 63.

Esta é a ditosa patria minha amada.

L., C. III, E. 21.

Perseverança

Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detraz, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

L., C. I, E. 40.

Premio

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam.

L., C. VIII, E. 39.

O favor com que mais se accende o engenho,
Não o dá a patria, não;.....

L., C. X, E. 145.

Promessas

Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.

L., C. v, E. 54.

Protecção

Dae vós favor ao novo atrevimento.

L., C. I, E. 18.

Rei

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados,
De consciencia e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!

L., C. VIII, E. 54.

Religião

Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

L., C. x, E. 150.

Saber

Mais co'o saber se vence, que co'o braço.

ELEG., 5.

Saudade

Alma gentil, que á firme eternidade
 Subiste clara e valerosamente,
 Cá durará de ti perpetuamente
 A fama, a gloria, o nome e a saudade.

SON.

Doces lembranças da passada gloria,
 Que me tirou fortuna roubadoura,
 Deixae-me descansar.....

 Oh quem tornar podera a ser nascido!

SON.

Saudade materna

Quem te privou da cara e doce vida
 Meo filho tão formoso e mal logrado,
 Dois corações passou uma só ferida.

Ai filho, meo amor, que tu só eras
 Quem com tua vida alegre algum descanso,
 A meo viver cançado dar poderas.

ELEG. 10.

Semrazão

Quem faz injuria vil e semrazão,
 Com forças e poder em que está posto,
 Não vence.....

L., C. x, E. 58.

Similhança

Trombeta de seo pae e seo correio.

L., C. VI, E. 16.

Temor

Tudo temia, tudo emfim cuidava.

L., C. VIII, E. 86.

Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo.

L., C. IV, E. 29.

Tempestade

A noite negra e feia se alumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.

L., C. VI, E. 76.

Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

L., C. VI, E. 37.

O soberbo furor do negro vento
Fará por toda a parte movimento.

ODE XII.

Tempestade no mar

Eis a noite com nuvens se escurece.
Do ar subitamente foge o dia:
E todo o largo oceano se embravece.

ELEG. I.

Tempo

Com o tempo o prado verde reverdece,
Com o tempo cae a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece.
Com o tempo um louro mórre, outro florece,
Com o tempo um é sereno, outro invernoso,
Com o tempo foge o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem já quando esquece.
Com o tempo faz mudança a sorte avara,
Com o tempo se aniquila um grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.
Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que é passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

SON.

Tenacidade

Agua branda cava a pedra dura.

SON.

Trabalho

..... as cousas arduas e lustrosas
Se alcançam côm trabalho e com fadiga.

L., C. IV, E. 78.

Traição

..... também dos portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

L., C. IV, E. 33.

Traição á patria

Como? da gente illustre portugueza

 Hade sair.....
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte,
 De Portuguez?

L., C. IV, E. 15.

Tristeza

Lancei contentamentos a voar,
 Tarde os espero ver; que é seo costume
 Ter azas ao fugir, freio ao tornar.

ELEG. XIV.

—
 Á minha noite falta já seo dia,
 Triste tudo se vê, nada contente.

SON.

—
 Ai quão de vagar passa a triste vida!

SON.

Os meos alegres, venturosos dias
 Passaram, como raio, brevemente.

SON.

Valor

Quem valerosas obras exercita
 Louvor alheio muito o experta e incita.

L., C. v, E. 92.

Velhice

Vão os annos descendo, e já do estio
 Ha pouco que passar até o outono.

L., C. x, E. 9.

Verdade

A verdade, que eu conto nua e pura,
 Vence toda grandiloqua escriptura.

L., C. v, E. 89.

E tudo sem mentir, puras verdades.

L., C. v, E. 23.

Vida campestre

Oh lavradores bemaventurados!
 Se conhecessem seu contentamento
 Como vivem no campo socegados!

ELEG. I.

Ditoso o que do céo foi tão amado
 Que no campo alcançou passar a vida
 Livre de pena, livre de cuidado.

ECLOGA XIV.

—
 Campo! nas syrtes d'este mar da vida,
 Após naufragios seos taboa segura;
 Claras bonanças em tormenta escura,
 Habitação da paz, d'amor guarida;
 A ti fujo.....

SON.

Vingança

Dobrada gloria dá qualquer vingança.

SON.

—
 Vós, a quem mais compete esta vingança
 Que esperaes? porque a pondeis em tardança?

L., C. VI, E. 31.

Vontade

Que quem quiz sempre pôde...

L., C. IX, E. 95.

FIM

INDICE DAS EPIGRAPHES

Adulação	Desespero
Alegria	Desillusão
Ambição	Despreso da poesia
Ameaças	Destino
Amor	Deos
Amor divino	Difficuldade
Amor filial	Dinheiro
Amor patrio	Direito
Amparo	Disciplina militar
Animação	Dor
Antiguidade	Engano
Armas e letras	Esperança
Audacia	Experiencia
Bastardos	Façanhas
Bonança	Fama
Calamidade	Falso amor
Canto	Fé
Causas	Felicidade
Ciumes	Fidalguia
Confiança	Fidelidade
Constancia	Firmeza
Coragem	Fortuna
Dadivas	Fraqueza
Desalento	Gratidão
Descrença	Heroismo portuguez
Descuido	Honras

Hypocrisia	Patria
Ignorancia	Perseverança
Immortalidade	Premio
Impossibilidade	Promessas
Incapacidade	Protecção
Inconstancia	Rei
Infortunio	Religião
Ingratidão da patria	Saber
Interesse	Saudade
Juizo de Deos	Saudade materna
Justiça	Semrazão
Lingua portugueza	Similhança
Lisonja	Temor
Louvor	Tempestade
Madrugada	Tempestade no mar
Malicia	Tempo
Manhã	Tenacidade
Medo	Trabalho
Menosprezo	Traição
Mentira	Traição á patria
Miscellanea	Tristeza
Modestia	Valor
Morte	Velhice
Mysterio	Verdade
Novo rei	Vida campestre
Occasião	Vingança
Ousadia	Vontade

PUBLICAÇÕES DE
ANTONIO FRANCISCO BARATA

que ainda se vendem na

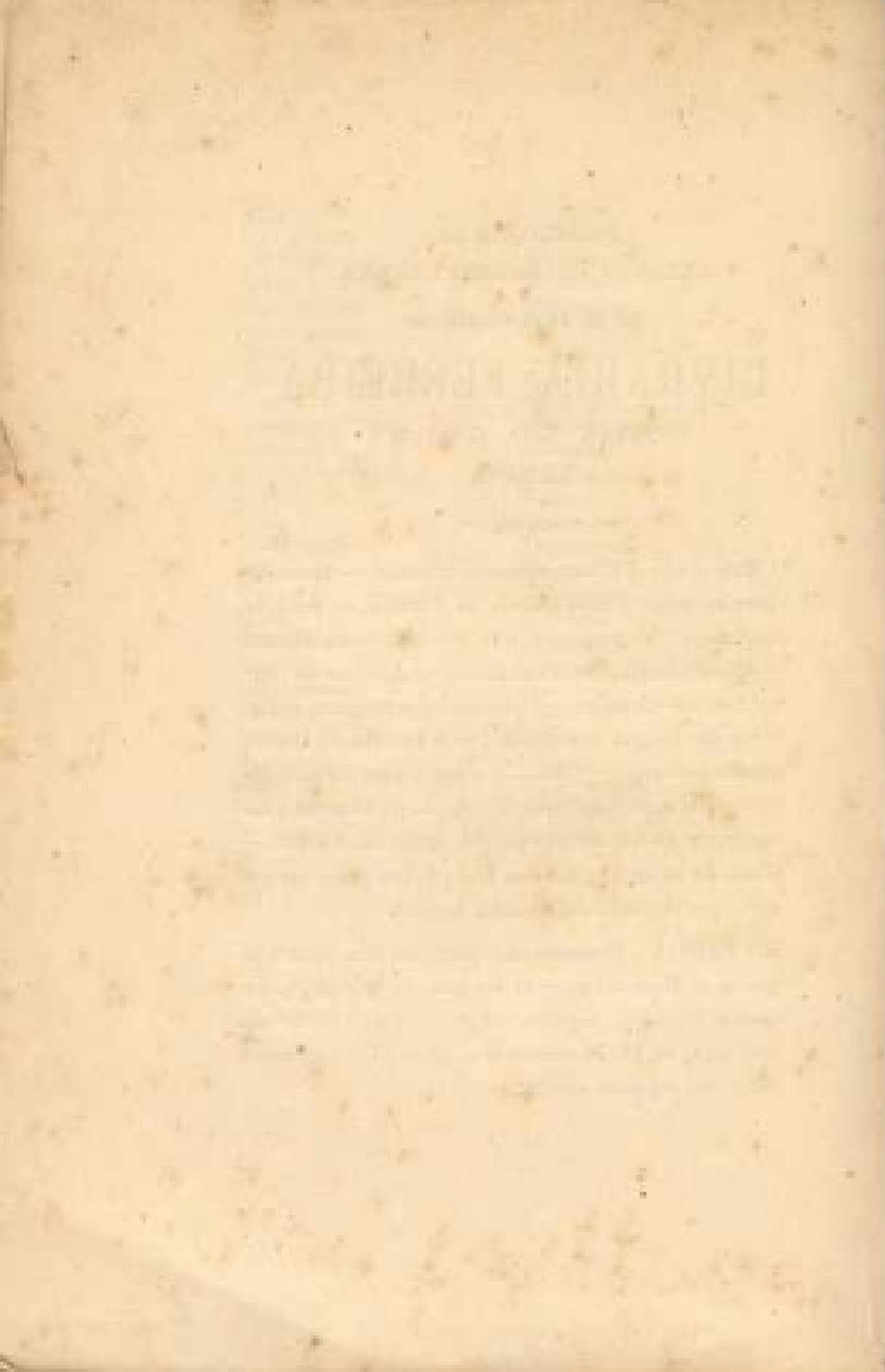
LIVRARIA FERREIRA

RUA DO OURO

LISBOA

O Manoelinho d'Evora, romance historico. — Memoria historica sobre a fundação da Sé d'Evora. — Esboços chronologico-biographicos dos Arcebispos de Evora. — Miscellanea historico-romantica. — Jesuitas na Córte, romance historico. — Cancioneiro portuguez. — Estudos da Lingua portugueza. — A tomada de Ceuta, quadro historico. — Carta... sobre a situação da Emino. — Carta ao Ex.^{mo} Sr. Dr. A. A. da Fonseca Pinto, depois da leitura do episodio Ignez de Castro. — Glosa da estrophe, Estavas linda Ignez posta em socego, por Antonio da Fonseca Amaral.

NO PRELO. Concordantur præcipua loca inter Virgilium et Camonium. — O Rancho da Carqueja, romance historico, segunda edição. — Um Duello nas sombras, ou D. Francisco Manoel de Mello, romance historico, segunda edição.



VENDE-SE

POR

200 REIS

NA

LIVRARIA FERREIRA—RUA DO OURO—LISBOA

Nesta casa se vendem

as demais publicações

DE

A. F. BARATA